

Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Sónia Madalena Fernandes da Costa

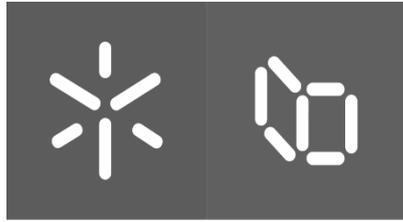
As representações de estrangeiros na obra de Ondjaki

As representações de estrangeiros na obra de Ondjaki

Sónia Madalena Fernandes da
Costa

UMinho | 2022

outubro de 2022



Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Sónia Madalena Fernandes da Costa

**As representações de estrangeiros na
obra de Ondjaki**

Dissertação de Mestrado
em Literaturas de Língua Portuguesa

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professora Doutora Ana Maria Silva Ribeiro

Direitos de Autor e Condições de Utilização do Trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concebida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, dirijo um agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Ana Maria Silva Ribeiro, pela paciência com que me orientou e por toda a compreensão e disponibilidade incondicional.

À nossa Diretora do mestrado, Professora Doutora Eunice Maria da Silva Ribeiro, pelo constante apoio e disponibilidade ao longo do meu percurso académico, e a todos os professores do meu curso, que me ajudaram muito durante a realização do Mestrado.

Gostaria também de agradecer a Ondjaki, por ter-se mostrado sempre bastante acessível e ter colaborado comigo através de uma entrevista.

Um muito obrigado aos meus pais, aos meus irmãos e aos meus avós, pelos seus incentivos e apoio sem reservas, estímulo determinante para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de turma, pelo apoio e valioso incentivo durante o período que estivemos juntos na Universidade do Minho, seja os colegas do Mestrado de Literaturas de Língua Portuguesa, como os do Mestrado de Ensino de Português no 3º ciclo básico e secundário.

Ao meu professor Carlos, do Secundário, que contribuiu para que ganhasse o gosto pela literatura.

Expresso, também, a minha gratidão a todos os que me ofereceram livros do autor e enviavam as entrevistas e notícias do mesmo, sempre que encontravam algo novo.

Não podia deixar passar o agradecimento aos meus animais de estimação, a minha gata e ao meu cão, que faziam de tudo para me distrair quando precisava de estar concentrada.

Por último, aos demais amigos e amigos de amigos, uma página não seria suficiente para vos enumerar e agradecer por toda a ajuda e dedicação indispensáveis à realização desta investigação.

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

As representações de estrangeiros na obra de Ondjaki

Resumo:

É de extrema importância que se encontrem representações políticas e sociais na literatura. Para isso é necessário um conjunto de opiniões e ideias, ao seja, qualquer imagem /representação necessita de uma tomada de consciência.

Ao longo das suas obras, Ondjaki apresenta uma grande tendência para escrever críticas sociais. Este, consegue mostrar não só a sociedade em que está inserido, como também as críticas e as mudanças que são necessárias. No entanto, a forma de representação dos estrangeiros, não é homogénea a todas as nacionalidades.

Aliado à representação dos estrangeiros, encontramos também representações da população angolana, uma vez que é impossível evitar que ao retratar a imagem do «outro» não surja a própria representação.

Palavras-chave: Estrangeiros; Imagem Literária; Ondjaki; Representação

The representations of foreigners in Ondjaki's works

Abstract:

It is imperative to find social and political representations in Literature. To do so, a set of ideas and opinions is needed, that is, any image/representation needs to be conscious.

Throughout his works, Ondjaki presents a great tendency to write social reviews. He not only manages to show us the society he lives in, but also delivers the considerations and changes which are necessary for that society. However, the way foreigners are represented is not homogeneous for all nationalities.

Allying to the foreigners representation, we can also find representations of the Angolan people, taking into account that it is impossible to avoid having the emergence of the representation itself as we picture the image of the "other".

Keywords: Emigration; Literary Image; Ondjaki; Representation

Índice

INTRODUÇÃO	1
1. Problemática.....	1
2. Objetivo e <i>Corpus</i> do Estudo.....	2
3. Estrutura da Dissertação	3
1. ONDJAKI E A SUA OBRA	4
2. LITERATURA, IMAGEM E IMAGINÁRIO	10
3. OS TEXTOS LITERÁRIOS E A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA	13
4.- REPRESENTAÇÕES DOS ESTRANGEIROS	15
4.1-Franceses	15
4.2-Soviéticos	18
4.3-Chineses.....	23
4.4-Cubanos	26
4.5-Portugueses.....	31
4.6-Americanos.....	38
4.7-Ingleses	40
4.8-Brasileiros.....	43
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
ANEXOS:	49
1-Entrevista ao autor:	49

Introdução

1. Problemática

O presente projeto, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa, tem por tema “As representações de estrangeiros na obra de Ondjaki”.

Angola foi colonizada pelos portugueses e no século XV, servindo unicamente como rota e fornecimento de escravos para as restantes colónias portuguesas. No século XIX, devido à independência do Brasil, ao *Ultimatum* Britânico, à conferência de Berlim e à abolição da escravatura, os Portugueses centram-se em Angola, dando início ao primeiro grande fluxo migratório de Portugueses para este território. No final da década de 1950, o crescente fluxo realçou ainda mais as desigualdades sociais. Após a independência, conquistada em 1975, depois de treze anos de guerra, lidando com graves questões políticas e económicas, o país enfrentou quase três décadas de guerra civil, o que, juntamente com a pressão que o colonialismo deixou, provocou graves problemas estruturais.

A documentar esta realidade, encontramos vários textos literários, os quais nos oferecem representações políticas e sociais da segunda metade do século XX naquela antiga colónia portuguesa. Na sua tese de doutoramento, Martina Matozzi (2016, p. 243) constata a relevância da existência de um número considerável de textos literários que representam a experiência migratória. Acrescenta ainda que, à medida que o império português foi perdendo territórios, as representações literárias da emigração também sofreram alterações, uma vez que, e em consequência disso, começaram a mostrar a falácia do paralelismo entre o “português colonizador” e o “português emigrante”.

É de extrema importância que os textos literários abordem estas realidades. Enquanto registo de um determinado contexto, a literatura dá o testemunho do passado e por isso pode ser uma fonte para a pesquisa histórica; no entanto, deve-se levar em conta que uma obra literária não é apenas uma expressão de uma época, mas também de um autor, que acaba por influenciar o leitor com as suas criações. Dessa forma, os escritores trabalham com o processo de construção da mentalidade de um povo em determinada época e lugar, sendo influenciados e acabando por

também influenciarem pontos de vista. Podemos dizer que a relação entre a História e a literatura se baseia na maneira de ler e entender as diferentes formas do mundo:

[...] a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real. (Pesavento, 2004, p. 80)

A literatura é ficcional e podendo representar personalidades que de facto existiram, fá-lo à sua maneira, de acordo com as convenções que lhe são próprias. Não há dúvidas de que a literatura é um produto artístico, produto do seu tempo e é reflexo das condições socioculturais do meio em que os autores se inserem (Sevcenko, 2003, p. 29). Assim, na Literatura enquanto fonte, os historiadores não têm a preocupação de investigar se a representação expressa está de acordo com a historiografia. A sua atenção deve ser unicamente dirigida em torno da elucidação da mentalidade de uma época (Abud *et. al.* 2011, p. 46).

No contexto social, a literatura como fonte histórica teve um papel fundamental no século XIX. No entanto, foi no século XX, já nos anos 1960 e 1970, que a literatura se descomprometeu da anterior visão de que era um recurso ilustrativo do passado, passando agora a ser a História a assumir o papel de crítico. Podemos, assim, considerar que a literatura e a História se influenciam uma à outra. No entanto, cabe ao historiador tomar cuidado com o que é dado como verídico. Apesar da relação que é visível entre a História e a Literatura, temos de ter em conta que a História deve orientar-se pelos acontecimentos históricos, gerindo-se por um trabalho historiográfico, já a literatura pode inventar personagens e situações, apropriando-se do contexto destes acontecimentos.

2. Objetivo e *Corpus* do Estudo

Esta dissertação tem como objetivo abordar a representação dos estrangeiros em algumas obras de Ondjaki, colocando pontos de vista do autor em confronto. Analisar-se-á a imagem dos franceses, dos soviéticos, dos chineses, dos cubanos, dos portugueses, dos americanos, dos

ingleses e dos brasileiros, a partir de *O Livro do Deslembamento (2020)*, *AvóDezanove e o Segredo do Soviético (2008)*, *Bom dia camaradas (2003)* e *Os Transparentes (2012)*.

O motivo da escolha deste *corpus* literário é a sua evidente ligação à temática da representação dos estrangeiros. O título da segunda obra acima mencionada é bem claro a este respeito. O elenco das restantes também inclui personagens estrangeiras, conferindo-lhes maior ou menor destaque. Em *Bom dia camaradas*, por exemplo, o professor Angel e a professora Maria, cubanos, marcam a infância dos meninos angolanos, ao passo que *Os Transparentes* incluem uma amostra da presença dos chineses em Luanda.

3. Estrutura da Dissertação

A presente dissertação consiste em quatro capítulos, organizados da seguinte maneira:

- Apresentado o tema do trabalho e as principais linhas orientadoras na introdução, o capítulo seguinte centra-se em Ondjaki, tendo como objetivo fazer um breve traçado da sua carreira literária;
- No segundo capítulo, abordam-se os aspetos relativos à imagologia, área de estudos em que este trabalho se enquadra;
- O terceiro capítulo ocupa-se da importância de textos literários que representem a experiência migratória;
- O capítulo seguinte encontra-se subdividido pelas representações de estrangeiros presentes nas obras do autor, interpretando-as;
- Por fim, no quinto capítulo, apresentam-se as conclusões a retirar do trabalho realizado. Seguem-se a bibliografia e os anexos, constituídos por uma entrevista concedida pelo autor através de *email*.

1. Ondjaki e a sua obra

Ndalu de Almeida, popularmente conhecido como Ondjaki, mostrou desde cedo uma grande tendência para a escrita e acabou por lançar a sua primeira obra em 2000. Desde aí, vem publicando em vários estilos e sendo traduzido para diversas línguas, nomeadamente poesia, contos, romances/ novela, livros infanto-juvenis, teatro e verbetes de dicionário.

Na sua literatura, Ondjaki, nascido em 1977, apresenta “uma visão renovada do seu país de origem” (Lima e Nóbrega, 2020), acumulando sucessos de vendas e críticas positivas, permitindo-lhe conquistar vários prémios honrosos como: o Prémio Sagrada Esperança (2004); Prémio António Paulouro (2005). o prémio da Associação Portuguesa de Escritores (2007), o Grizane for Africa Prize para jovem escritor (2008) e o Prémio Literário José Saramago (2013).

A sua obra diversificada tem sido objeto de vários estudos em universidades de todo o mundo, particularmente em Portugal e no Brasil. Entre os temas mais estudados contam-se a representação da infância e das relações entre gerações, a importância da memória, a criatividade linguística ou a comparação com outros escritores africanos de língua portuguesa.

Observando com atenção o *corpus* escolhido para análise, podemos constatar que, apesar de as obras selecionadas divergirem no ano de publicação, convergem nas matrizes mencionadas. As obras *O Livro do Deslembamento* (2020), *AvóDezanove e o segredo do Soviético* (2008), *Bom dia camaradas* (2003) e *Os Transparentes* (2012) são hinos à liberdade e a um povo que apesar de maltratado, pelas circunstâncias, consegue sempre encontrar um razão para continuar a lutar por um dia melhor. A esperança de um futuro melhor encontra-se representada nas obras de forma bastante singela, visível apenas nos pequenos detalhes.

Ondjaki retrata a Angola da sua infância, recorrendo maioritariamente à voz de uma criança, fazendo referência a acontecimentos verídicos da história do seu país. O uso da voz de uma criança não é inocente, uma vez que a voz e o pensamento de uma criança são associados à verdade e à realidade, sem opiniões e posições políticas, tentando assim Ondjaki mostrar uma Angola espelhada do real, ou seja, sem filtros. Ele escreve não apenas para relembrar os acontecimentos, mas para dar voz a um povo que nem sempre a conseguiu ter.

De forma a sintetizar ideias, segue-se uma breve apresentação de cada obra presente no *corpus* deste trabalho.

O Livro do Deslembamento é o mais recente romance da autoria de Ondjaki e foi publicado em 2020. Nele vemos retratado um universo infantil narrado pela voz de uma criança e uma Angola afetada pela guerra civil. A obra apresenta-se de forma irregular e fragmentária, não dando assim uma continuidade lógica ao romance.

O enredo situa-se em Luanda e aborda questões do seu quotidiano. No início da obra, percebemos a importância que a escola tinha para o futuro do protagonista:

nos últimos dias falaram-me muito sobre a escola, para eu não ter medo, mas as coisas do medo não desfuncionam só assim com modos de falar.

-Quem não vai à escola fica maluco! (Ondjaki, 2020, p. 19)

Para além disto, a obra explora temáticas como:

- a infância:

(era pequenino, eu, quando fui à escola pela primeira vez; ainda nem sabia andar de bicicleta, vestia uns calções azuis e sandálias de tiras quase a rebentar) (*idem*, p.17);

- a paisagem sonora de Luanda:

o som das reguadas a vir já da minha sala, era assim e todo mundo sabia: cada um era um cada qual, as próprias pernas de correr e aguentar, e eu não tinha corrido de chegar a tempo (*idem*, p.47);

- os perfumes que não se esquecem:

volta na nossa cabeça, com força, fica lá, traz mesmo sons e até cheiros, as minhas lembranças sempre trazem cheiros que eu consigo sentir com muito boa nitidez, mas não sei explicar a ninguém (*idem*, p.81);

- referências cinematográficas e literárias:

eu é que fiquei de boca toda aberta a nem imaginar como é que eu ia contar aos cambas que afinal, ali mesmo, na nossa rua, havia uma sala que parecia saída de um livro de princesas, luzes que saíam de buracos na parede (*idem*, p.73);

- a representação dos estrangeiros:

o Mogofores tinha esse nome esquisito que eu até nunca perguntei quem lhe tinha castigado assim, e tinha uma mulher muito feia, que tinha vindo de Portugal e trocava algumas letras das palavras (*idem*, p.12);

- a gula:

o silêncio é que falava pelos nossos olhos / todos concentrados a olhar a caixa, cada um a decidir qual o próximo bombom que ia escolher e saborear de demorar na boca todo o derretimento antes de engolir devagarinho, e eu a ver: os dedos na mana Yala já todos besuntados, as bochechas dela com manchas castanhas que afinal combinam com os cachos do cabelo...

(*idem*, p.80);

- as questões de género:

a mão dela toda devagarinho no meu ombro e depois na minha bochecha, eu acho que as mulheres entendem assim de umas coisas de adivinhar os pensamentos das crianças

(*idem*, pp.113-114)

- as figuras maternas:

a minha mãe, apesar dessas brincadeiras todas de rir com os olhos e com a voz dela, já nos tinha explicado que era preciso sempre tratar bem e ter paciência com as pessoas que apareciam na nossa casa mesmo e exatamente um bocadinho antes da hora do jantar

(*idem*, p.39)

Já a obra *AvóDezanove e o Segredo do Soviético* é o terceiro romance curto da autoria de Ondjaki e foi publicado em 2008. Nele vemos retratado um universo infantil e uma Angola que se encontrava ainda em guerra civil.

O enredo passa-se na PraiaDoBispo, em Luanda, na década de 1980, e inicia-se com a explosão do Mausoléu, acontecimento à volta do qual se vai desenrolar a narrativa:

A explosão até acordou os pássaros adormecidos nas árvores e os peixes devagarosos do mar – aconteceram cores de um carnaval nunca visto, amarelo misturado com vermelho a fingir que é laranja num verde azulado, brilhos a imitar a força das estrelas deitadas no céu e barulho tipo guerra dos aviões Mig. (Ondjaki, p.9)

O protagonista do romance é um menino, que narra os acontecimentos na primeira pessoa e que vive na PraiaDoBispo com as suas avós Agnette e Catarina, e ainda com a empregada MadalenaKamussekele. Além destes, o menino vê-se ainda rodeado de personagens como: Pindura e Charlita, a DonaLibânia, o SenhorTuarles, o EspumaDoMar, o VendedorDeGasolina, o VelhoPescador, bem como os funcionários do mausoléu, como é exemplo o Brillhardov.

A obra revela o conflito instaurado quando os soviéticos precisavam de expulsar os moradores do bairro para a continuação das obras no monumento em memória de AgostinhoNeto.

Através da leitura, percebemos a diferença de atitude dos adultos e das crianças perante este problema. Ao contrário dos adultos, que apenas usavam as palavras, as crianças formulam um plano para invadir e impedir a finalização das obras no mausoléu. Junto às peripécias dos mais novos deparamo-nos com a difícil realidade de um país ainda em guerra.

Ao longo da obra, encontramos passagens engraçadas, como é o exemplo da passagem do médico cubano para tratar o pé da AvóAgnette, da festa de despedida ao dedo desta familiar do narrador, da dança na sala de espera do hospital, ou ainda da procura pela dinamite.

Sucintamente, e em paralelo aos problemas da PraiaDoBispo, a obra conta-nos a história da AvóAgnette que acaba por ser operada ao pé e ficar apenas com dezanove dedos, dando assim parte do título ao romance. Por outro lado, podemos ainda ver a mudança de atitude de Brillhardov perante os habitantes da PraiaDoBispo e apercebemo-nos que é a relação com a AvóDezanove que desencadeia esta mudança, sendo assim uma peça fundamental para construir o enigma que se torna descobrir qual o “segredo do soviético”.

Prosseguindo a apresentação do *corpus*, e tendo em atenção a obra *Bom dia Camaradas*, notamos que este é o primeiro romance da autoria de Ondjaki e foi publicado em 2003. Nele vemos retratado um universo infantil, narrado na primeira pessoa, de uma Angola da década de 1980, assombrada pela guerra civil. Apesar disso, encontramos uma trama leve e engraçada através do olhar infantil do menino.

O enredo passa-se em Luanda e retrata o dia a dia do protagonista, que vai à escola, brinca com os amigos, e passeia com a tia que chega de viagem. Em meio destes episódios, o

protagonista acaba por envolver-se em algumas situações delicadas, como é o exemplo da atitude da tia perante a passagem do presidente ou o medo do Caixão Vazio na escola.

Através destas passagens é visível que o protagonista se foca maioritariamente no retrato do quotidiano infantil, ao seja, na escola e nos professores cubanos, que estão intimamente ligados à escola. Podemos dizer que se a obra *AvóDezanove* coloca a tónica nos russos e nos médicos cubanos, aqui são os professores cubanos que se destacam.

Apesar de ser apresentado pelo olhar de uma criança, o romance é recheado de críticas e ironias sociais.

Por fim, *Os Transparentes* é o quarto romance da autoria de Ondjaki e foi publicado em 2012, dando talvez o impulso para a atribuição do Prémio José Saramago no ano seguinte. Nele vemos retratado o quotidiano de um prédio em Luanda e dos seus moradores. *Os Transparentes* é um romance fragmentado, uma vez que o narrador alterna entre personagens, apresentando assim mais que um ponto de vista.

O enredo do romance trata questões como a deslocação das populações para a capital e a má conservação do primeiro andar de um prédio, com a permanente fuga de água na parede. Aliado a isto, contemplamos ainda a esperança de dias melhores.

Cada personagem do romance traz para o mesmo um novo drama particular envolvido com os dramas alheios, construindo um novelo que se cruza com a realidade do prédio (Carvalho, 2015). Cada personagem faz-se munida de um nome, de forma a demonstrar a ocupação ou um traço de personalidade da mesma, como é o exemplo das personagens MariaComForça, VendedorDeConchas e JoãoDevagar.

Posto isto, a obra aborda a estranha situação de Odonato, que lentamente está a desaparecer, demonstrando, neste, o processo simbólico de apagamento e diminuição do homem perante a sociedade. Odonato apresenta reflexões acerca de problemas sociais, tendo como ponto de partida as dificuldades vividas pelos seus amigos, vizinhos e familiares. No entanto, ao contrário dele, os que o rodeiam apresentam uma visão mais simples e otimista da realidade. (*idem*). À

medida que a trama vai chegando ao final, o problema de Odonato vai-se agravando, chegando ao ponto de este realmente desaparecer. (*idem*)

Através da leitura, percebemos a diversidade de opiniões, atitudes e crenças da população que vive e convive no mesmo prédio e isto deve-se muito à diversidade humana presente no edifício. (*idem*)

2. Literatura, imagem e imaginário

O tema que vamos tratar enquadra-se no domínio da imagologia, termo que traduz o francês *imagologie*, com o qual se designa o estudo da imagem do estrangeiro num determinado excerto textual e que, segundo Machado e Pageaux (1988, p. 55), constitui um dos métodos de investigação mais antigos da Literatura comparada.

A imagem literária, por sua vez, “pode ser definida como sendo o conjunto de ideias sobre o estrangeiro incluídas num processo de *literarização* e também de *socialização*, quer dizer, como elemento cultural que remete à sociedade” (Machado e Pageaux, 1988, p. 57). Podemos assim afirmar, segundo os mesmos autores (1988, p. 58), que a imagem é a representação de uma realidade cultural, bem como um facto cultural (Machado e Pageaux, 1988, p. 61). A literatura é apenas uma das intervenientes na criação destas imagens, desempenhando um duplo papel: a sua representação traduz uma determinada visão da realidade ao mesmo tempo que contribui para a sua configuração. Como dizem Machado e Pageaux (1988, p. 58), as imagens do Outro que circulam numa determinada comunidade fazem parte do seu imaginário.

A imagem literária, de que aqui tratamos, pressupõe, assim, a existência de um “eu” e de um “outro”, o que acaba por fazer com que seja retratado não só o “outro” como surja a própria representação do “eu”, uma vez que ao negá-lo estamos indiretamente a afirmá-lo e a fazer juízos e conceções acerca de nós próprios e do mundo que nos rodeia:

A imagem do Outro surge como uma língua segunda, paralela à língua que falamos, coexistindo com ela, sendo, de certo modo, a sua dupla, para dizer outra coisa. (Machado e Pageaux, 1988, p.61)

A imagem tem como “função exprimir as relações interétnicas e interculturais, as relações menos efectivas que repensadas, sonhadas entre a sociedade que fala (e que «olha») e uma sociedade «olhada»” (Machado e Pageaux, 1988, p. 61). Além disso, como dizem Beller e Leerssen (*apud* Pazos, 2012, p. 40), “Such an image rules our opinion of others and controls our behaviour towards them.”

À ideia de *imagem* vemos muitas vezes associado o conceito de *estereótipo*. Machado e Pageaux (1988, p. 60) definem-no como “um ponto de encontro entre uma sociedade determinada

e uma das suas expressões culturais simplificadas, reduzida a um essencial ao alcance de todos”. Embora ele seja “pobre, esquemático, falso” (Machado e Pageaux, 1988, p. 59), no plano cultural, assume um papel importante, uma vez que constitui uma forma de comunicação, tornando-se ideal, pelas suas características, para a comunicação das massas. No entanto, o estereótipo coloca o problema da hierarquização de culturas, uma vez que distingue e valoriza um termo em detrimento do outro (Machado e Pageaux, 1988, p. 60). Além disso, pela sua natureza, o estereótipo, para além de simplista, tende a converter-se numa imagem fixa, pelo que muitos investigadores preferem falar de imagotipo¹. Um *imagotipo* é a representação heterogénea de uma marca, pressupondo um olhar do “eu” sobre o “outro”. Há *imagotipos* de natureza diversa: auto-imagotipos e hétero-imagotipos. Pazos (2011), a respeito da imagem dos galegos em Portugal no final do século XIX e no início do século XX, utiliza as categorias de imagotipo negativo e imagotipo de afinidade, nos quais podemos ver subcategorizações dos hetero-imagotipos.

É importante ter em atenção as razões dos imagotipos, de forma a perceber as causas das mudanças que neles ocorrem, pois, para além de complexos, os imagotipos também não são estáticos. Relativamente ao estereótipo, Alan Montandon (*apud* Simões, 2011, pp. 37-38) afirma que:

... o conceito de imagotipo tem a vantagem de não veicular o sentido pejorativo do preconceito e do estereótipo e de sublinhar o carácter colectivo de uma representação, que Michel Cadot pode qualificar de “agregados mitóides”, expressão interessante (...) para, conservando a dimensão imagem-miragem e os processos de abstracção generalizante, marcar o carácter heterogéneo de uma representação aglutinante, procedendo por acumulação e justaposição de traços que podem além disso ser contraditórios ou antagónicos.

A imagologia surge assim como um campo privilegiado do estudo das relações entre os seres humanos. Uma das questões que mais se mostra relevante é a natureza pluridisciplinar deste campo e a aliança entre a literatura e as questões de ordem social e cultural. Em termos de texto literário, particularmente no texto narrativo², no plano de trabalho apresentado por Machado e

¹ De acordo com Simões (2011, p. 37), “O termo imagotipo foi utilizado pela primeira vez por Oliver Brachfeld, em 1962, mas só ultimamente tem sido utilizado de forma mais aprofundada e consistente.”

² Segundo Machado e Pageaux (1988, p. 57), pertencem a este modo literário a maioria dos géneros propensos a este tipo de estudo: “narrativas de viagem, ensaios, romances, teatro, mais raramente da poesia”.

Pageaux, a personagem é uma categoria importante para entender a “linha divisória entre o Ego e o Outro” (Machado e Pageaux, 1988, p. 68). Surge, assim, a necessidade de traçar “um *sistema de relação entre as personagens*” (Machado e Pageaux, 1988, p. 68). Para tal, estes comparatistas propõem o seguinte:

Podemos então, [...] começar pelas características morfológicas, por aquilo que, no texto, fundamenta a alteridade (elementos quase sempre mais de ordem pulsional do que racional), pelos a priori que determinam a elaboração da imagem do Outro, e também pelos elementos que ultrapassam a mera determinação do Outro, por consequência, se encontram investidos de um significado particular no conjunto do funcionamento do texto. (Machado e Pageaux, 1988, p. 68)

Consideram ainda que “deverá tentar pôr-se em relevo o sistema de qualificação diferencial, que permite a formulação da alteridade, através de elementos opostos que fundem natureza e cultura: selvagem vs civilizado, bárbaro vs culto [...]” (Machado e Pageaux, 1988, pp. 69).

3. Os textos literários e a experiência migratória

A literatura angolana é profundamente marcada por questões históricas, o que é bastante visível em autores como Pepetela, Manuel Rui e Ondjaki. Nas suas obras, acabam por fazer reflexões políticas, mesmo que de formas distintas e indiretas.

Ondjaki é um dos autores que mais representa nas suas obras o período da pós-independência em Angola, que é conseqüentemente o intervalo referente ao período da guerra civil angolana. Nesta altura, Angola foi o destino de vários estrangeiros, que chegavam ao jovem país por razões diversas.

A representação dos estrangeiros é abordada, frequentemente, com o intuito de apresentar a sociedade presente num determinado lugar, numa determinada época, com determinados costumes.

Como é do conhecimento geral, as guerras e as catástrofes naturais acabam por, de forma indireta, ser um dos influenciadores da deslocação das populações, as quais procuram um lugar que lhes permita escapar às más condições que existem nos seus países. Por outro lado, nos locais afetados por desastres naturais ou outros, uma vez passada a tormenta, é necessário reconstruir, criando assim um maior número de postos de trabalho, contribuindo para que seja visto como um destino benéfico para quem busca melhores condições de vida. Como diz Neumann (2019, p. 184), “Geralmente o ser humano, seguindo as formas de migração de todos os animais [...], desloca-se de seu local de conforto devido a necessidades, [...] formando assim novas paisagens (linguísticas, alimentares, musicais, arquitetônicas, geográficas, literárias)”. Muitas vezes vemos a emigração ligada a problemas de nível económico, político, social ou natural. A pobreza, de que muitos emigrantes fogem, está, por sua vez, relacionada com aspetos da sociedade, como seja a falta de emprego, um débil sistema de segurança social, um mercado de trabalho com elevado peso dos salários baixos e do emprego precário, e um sistema educativo nem sempre acessível, de que resulta a baixa qualificação das pessoas com menos recursos.

Neste caso concreto, a guerra civil, para além de deslocações internas, contribuiu para que Angola se tornasse num destino de militares estrangeiros, como os russos, bem como de

outros profissionais, como os médicos e professores cubanos. Uma vez que são obrigados a deixar os seus países e a deslocarem-se para outros, consideramos que são migrantes forçados por questões de serviço.

A representação dos migrantes é retratada nas obras de Ondjaki; munindo-se de mecanismos literários apresenta uma grande tendência para escrever críticas sociais de uma forma pouco explícita. Este escritor, através do olhar inocente de uma criança, consegue mostrar não só a sociedade em que o narrador-protagonista está inserido, como também as críticas e as mudanças que são necessárias. Este olhar inocente não deixa de ser um olhar localizado e por isso podemos dizer que estes migrantes são apresentados pelo olhar supostamente inocente de uma criança angolana.

O uso da memória para narrar uma Luanda dos anos 80, mostrando as suas paisagens sonoras, olfativas, visuais e sociais, é o recurso utilizado para a representação dos estrangeiros, da gula, das questões de género, das figuras maternas e da guerra, os quais são alguns dos pontos e temas que mais chamam a atenção na sua obra.

4.- Representações dos estrangeiros

4.1-Franceses

Começamos esta secção pela apresentação do casal francês da obra *O Livro do Deslembramento*. Estes são vizinhos do protagonista e a personagem do sexo masculino é um adido militar. Este casal surge apenas em um capítulo, apresentando assim uma presença episódica, marcando uma das primeiras experiências do protagonista no encontro com o Outro. Assim sendo, podemos concluir que são personagens secundárias.

Como podemos constatar através da leitura do romance, este casal não é um casal comum. Ele consegue destacar-se dos demais. Ao observarmos com atenção a obra, conseguimos perceber que a senhora apresentava-se de forma memorável: bem vestida e com postura, apesar de estar em casa e não esperar por visitas (*“a senhora tinha os cabelos todos brancos, penteadíssima / andava devagar a nem quase pisar o chão”*) (Ondjaki, 2020, p.72); o seu marido, também francês, surge-nos como sendo um homem de barbas brancas e, à semelhança de sua esposa, também este possuía uma aura magnânima (*“(…) e o marido dela, também um velhote tipo pai natal das barbas brancas só que não vestia de vermelho e estava só sentado a chupar o cachimbo apagado dele”* (idem,p.72 e 73):

dumas calças cinzentas tipo veludo dos filmes, tinha uns sapatos que todos os gatunos de Luanda deviam ter inveja: eram umas pantufas de não fazer barulho nenhum, eu estava de boca, até fiquei a pensar nisso quando saímos: aquele casal era especialista em andar sem parecer que estavam a pisar no chão” (idem, p.77)

Este casal não era apenas especial na sua postura e nas roupas que usava, mas também na casa onde ambos habitavam. Do ponto de vista de um luandino, a casa era de espantar. Parecia um museu, pois estava repleta de objetos. Para os habitantes de Luanda, parecia ter saído dos livros encantados, pois era algo que só aparecia nos sonhos:

(...) sala? Hum, deixa: fica difícil explicar tantos objetos juntos eu acho que nunca tinha visto, casa tipo museu ou fotografia dos livros a preto e branco? Era de ser natal, ou aquela sala era sempre assim, como é que posso dizer, bonitíssima?, fiquei de boca a cotovelar a mana Tchi para ela olhar também: estantes altas com livros e bonequinhos não sei se eram de barro ou gesso ou imitavam aquele desenho dos soldadinhos de chumbo, jarras, jarrinhas, copos, imitações de casas e palácios feitos de ferro, duas daquelas

bonecas russas que nunca mais acabam, um candeeiro pendurado parece chamam de “conde labro” (idem, p. 73);

Eu é que fiquei de boca aberta a nem imaginar como é que eu ia contar aos cambas que afinal, ali mesmo, na nossa rua, havia uma sala que parecia saída de um livro de princesas, luzes que saíram de buracos na parede, dois quadros coloridos com desenhos que deviam ser do neto deles, eu vi o nome em baixo, um tal de “Miró” (idem, p.73)

Apesar desta visão positiva do modo de vestir e da organização da casa, o narrador-protagonista acaba por considerá-los “patetas” pelo facto de o casal ter gostado tanto das mangas, o que revela uma grande diferença cultural, uma vez que, para o menino Ndalú, as mangas eram algo trivial que “se colhiam das árvores e estava à mão de toda a gente” (*“os velhos ficaram os dois com cara de patetas a cheirar as mangas e a apalpar devagarinho as rosas de porcelana / - só faltava que eles fossem cheirar as mangas e comer as flores”* (idem, p.74). No entanto, este também sabia que não era normal para os franceses comer-se mangas (*“porque os franceses nem estão acostumados com as nossas mangas e são tão boas que uma pessoa nem consegue só parar de comer na primeira”* (idem, p. 82). Por fim, o casal é considerado um casal simpático, visto que, em troca das mangas, o mesmo ofereceu ao menino Ndalú e à sua irmã Tchi uma grande caixa de chocolates.

Devemos salientar o contraste entre a oferta das crianças e a oferta do casal. O facto de o casal retribuir um produto natural com um produto mais sofisticado não deve passar despercebido, uma vez que é o resultado do convívio entre povos e culturas. Para Ndalú, a oferta do casal era uma surpresa, uma vez que era algo raro no mundo do mesmo, tal como as mangas para os franceses.

A impressão transmitida pelo casal de vizinhos franceses foi tão boa que Ndalú acaba mesmo por considerar a opção de aprender francês na escola em detrimento do inglês.

Assim sendo, podemos constatar que Ndalú ficou com uma boa imagem destes vizinhos, acabando mesmo por, mais tarde, querer fazer uma nova cesta de mangas para presenteá-los; contudo, acaba por abandonar esta ideia, uma vez que o Natal já tinha passado e a mãe não

queria voltar a incomodar os vizinhos. Talvez esta ideia não fosse desinteressada e o seu objetivo fosse apenas angariar mais uma caixa de bombons.

Neste capítulo, conseguimos ainda realçar a questão da diferença das línguas e as dificuldades de comunicação resultantes da copresença das mesmas.

Com a impaciência característica de criança, Ndalú inicia a comunicação de forma espontânea: “atirei logo todas as frases que eu sabia dum francês improvisado” (*idem*, p. 74). Esta atitude demonstra que, apesar de não falar corretamente francês, o menino já tinha contacto com a língua. Este contacto deve-se à forte globalização que Angola estava a sofrer. Podemos constatar isso através de séries televisivas francesas e do facto de a língua francesa ser estudada na escola pelos alunos mais velhos:

(...) ri, sozinho, a lembrar o francês que eu tinha improvisado e até esqueci de perguntar à minha mãe se aquelas frases faziam algum sentido, eram coisas que uma pessoa apanhava nos filmes que davam na televisão, que tinha um dos “gendarmes e gendarmetas” que até nós gostávamos e a TPA às vezes repetia (*idem*, p. 82)

Através da análise do contacto do protagonista com este casal, podemos constatar que a presença deste episódio tem um grande relevo para o desenrolar da obra e vida do protagonista. Este episódio, além de mostrar uma diversidade cultural, apresenta a vertente de uma Angola que pouco a pouco sofre modificações e se integra internacionalmente.

4.2-Soviéticos

A Guerra Civil Angolana foi uma luta pelo poder entre dois ex-movimentos de guerrilha anticolonial: o comunista Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a anticomunista União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). O conflito iniciado aquando da independência prolongou-se até 2002, ano da morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA.

A questão soviética é de extrema importância para Ondjaki e para Angola. A URSS suportava o MPLA, que controlava a cidade de Luanda.

Tendo este cenário como plano de fundo, Ondjaki aborda os soviéticos em várias obras, mais concretamente em *AvóDezanove e o segredo do soviético* e *Bom dia camaradas*, ocupando estes funções militares, representando frequentemente, a propósito das restrições que impõem, um papel como antagonistas.

Em *AvóDezanove e o segredo do soviético* podemos aferir que os soviéticos, excetuando o camarada Bilhardov, ocupam um papel de personagens secundárias. Em *Bom dia camaradas*, podemos afirmar também que ocupam um lugar de personagens secundárias, contribuindo apenas para o enquadramento histórico-social.

Devemos, em primeiro lugar, destacar o comportamento e a forma como eram vistos, uma vez que encontramos referências que nos fazem acreditar que os Russos não eram encarados de forma positiva:

O soviético do camião-cisterna buzinou e **cuspiu** as palavras dele na **língua soviética que era muito estranha e não se entendia nada** (...). O chão ficou húmido com um cheiro bonito a imitar a chuva verdadeira quando chega com força para regar o mundo. (Ondjaki, 2008, p.15. **negrito nosso**)

Ao olharmos com atenção para esta passagem, podemos encontrar a expressão “cuspiu”, dando a ideia que não comunicavam de forma afetuosa, mas sim de forma arrogante, e que comunicavam numa “língua soviética que era muito estranha e não se entendia nada”, mostrando que os mesmos não se preocupavam em se adaptarem à nova realidade, tentando através da linguagem “intimidar” os angolanos. Nesta citação de *AvóDezanove e o segredo Soviético*, é ainda visível a língua como fator de estranhamento e marca de identidade, diferenciando sobretudo uns dos outros, como é o exemplo dos soviéticos e dos angolanos.

Através da voz de Ndalú, em *Bom dia camaradas*, conseguimos apurar um dado que não encontramos em *AvóDezanove e o segredo do soviético*, visto que este revela-nos, através da conversa com a sua tia, que não é possível ficarem na praia, uma vez que aquele lugar era dos soviéticos e era lá que estes tomavam os seus banhos, tendo assim impedido os próprios luandenses de a frequentarem. Logramos assim ver o pior lado da “ajuda soviética” a Angola: apesar de estarem naquela terra para a ajudar, a proteger e a reconstruir, os militares soviéticos acabaram por ocupar os seus espaços e dominar pela via do medo os habitantes, fazendo com que estes nem sequer frequentassem a praia que desejassem e à qual tinham direito, uma vez que se encontravam na sua própria terra. Observamos assim os Russos como invasores:

- Podemos ficar já aqui, não? - ela
- Não, aqui não podemos, tia... Vamos lá mais para ao pé da rotunda.
- Mas não podemos ficar aqui, nesta praia tão «verzul» ?-ela sorriu para mim.
- Não, tia, aqui não se pode. Esta praia tão verzul é dos soviéticos.
- Dos soviéticos?! Esta praia é dos angolanos!
- Sim, não foi isso que eu quis dizer.... É que só os soviéticos é que podem tomar banho nessa praia. Vês aqueles militares ali nas pontas?
- Vejo sim...
- Eles estão a guardar a praia enquanto outros soviéticos estão lá a tomar banho. Não vale a pena ir lá que eles são muito maldispostos. (Ibidem)

Esta visão como invasores está ainda ligada à inadequação da sua presença, surgindo, estes, como seres deslocados.

Fisicamente, estes demonstram ser carrancudos e não bronzear, apesar de apanharem sol todos os dias, chegando apenas ao ponto de ficarem vermelhos com um escaldão, e psicologicamente por aparentarem serem frios:

Fomos dar a volta quase lá no fundo, até onde se podia ir de carro; vimos as barricadas. Isto o que é?, a minha tia perguntou ao camarada João. É quartel. É um quartel, ele respondeu. Tinha militares soviéticos a guardar a entrada, os soviéticos sempre faziam cara de maus, todos esbranquiçados por mais sol que apanhassem, muitas vezes ficavam tipo lagostas.

(idem,p. 57)

Esta inadequação é ainda visível no vestuário impróprio para o país em que estavam a viver. Consequência desta inadequação é o facto de o camarada Botardov³ cheirar mal, alertando toda a gente à sua volta que este estava por perto:

Lá na terra do Camarada Botardov deve mesmo fazer muito frio porque ele tinha esse mau hábito de andar sempre com um casaco grande e quente que lhe aumentava a catanga de um modo que se o vento soprasse virado para cá, uma pessoa sempre sabia que o Botardov estava quase a chegar.

-Tire lá esse casaco, parece um urso. Só lhe faltam as garras e um peixe cru na boca – a Avó Catarina dava graça. (idem, p. 27)

Esta inadequação, em concreto, deve-se ao facto de o clima a que os soviéticos estavam habituados ser extremamente diferente do clima de Angola.

Exploramos, assim, as diferenças entre os dois países e a inadaptação dos russos àquele mundo tão diferente:

-Família fica na tão-longe, Bilhardov tem só dades- falou para nós como se fôssemos uma só pessoa que podia conversar com ele. – Família larga, fica na frio, na niév. Angól muito quént! Bom cervéje, multe poeire! (idem, p.28)

Ao afirmar “*Angól muito quént! Bom cervéje, multe poeire!*”, o camarada torna evidente as divergências do quotidiano de ambos os países: diferenças climáticas, gastronómicas e territoriais.

Através deste excerto, podemos ainda observar a forma como os estrangeiros veem Angola, um lugar quente, com boa bebida, mas que se encontra sempre com poeiras no ar devido às estradas ainda não alcatroadas, algo desconfortável, mas que está em processo de reconstrução.

A personagem soviética mais relevante das obras de Ondjaki é o *Camarada Botardov*. Este fora assim batizado pelos miúdos, o que acaba por demonstrar uma atitude em relação ao diferente e à sua língua. Fora chamado assim porque dizia sempre “*bótard*”, caricaturando a partir de um traço estereotipado e considerado geral (a terminação em -ov), acabando por ser alvo de chacota e sobrepondo-se ao seu verdadeiro nome, registado na carta que deixa à Avó Dezanove. Podemos constatar que, por muito que os soviéticos tentassem, não conseguiam ultrapassar a

³ Personagem soviética da obra *Avó Dezanove e o Segredo Soviético*.

barreira linguística, como referido anteriormente, tendo dificuldades não apenas na pronúncia como também nos contextos e usos da língua portuguesa:

O último a sair da obra, que tinha um capacete diferente e trancava o cadeado do portão grande, era o soviético CamaradaBotardov, que nós lhe demos esse nome por causa do modo como ele dizia, quase a falar soviético, «bótard», mesmo que fosse de manhã cedo ou à noite já bem noitinha. Nós imitávamos para depois rirmos. (Ondjaki, 2008, p.15)

-Antón favor dizer eu vólt manhã.
-kaput iés- o 3,14 inventou.- Vai lá tuparióvski!" (idem, p.16)
"-VóNhéte, pod abrir, su é, Brilhardov. Muito chuve aqui.
(idem, p.27)

Encontramos, por outro lado, no CamaradaBotardov um excelente coração e podemos perceber que a amizade que este sente pela AvóDezanove é verdadeira e recíproca.

A colaboração do camarada atenua a imagem da rigidez dos soviéticos. A sua amizade pela avó Nhé parece ter feito dele uma outra pessoa, capaz de se pôr do lado dos habitantes da Praia do Bispo:

-O Brilhardov veio te contar, né?

-Veio, sim. Amanhã mesmo vão fechar a praia. Ordens de um tal general deles que comanda as obras. (idem, p.120)

Esta relação é uma peça fundamental para construir o *puzzle* que se torna descobrir qual o real "segredo do soviético". Assim, graças a esta amizade, compreendemos que o grande "segredo" é a colaboração dos soviéticos na possível destruição do mausoléu. Este segredo acaba por ser desvendado pela carta deixada à AvóAgnette por Bilhardov, onde este explica o real motivo de se encontrar ausente e o seu desacordo com as políticas dos seus superiores:

Descópe nã despede como deve de ser, tude de repente, organizade com amigos todos de un grupe que tem soodade de terra lá na tão-longe. (...)Descólpe se faz problem explosón da Masuléu, mas familia Dona Nhéte ganha tempo e eles começa obra novemente. Bilhardov espalha dinamite com sal da mar para efeite bonito no céu de Luanda. (idem,pp.185-186)

Podemos assim constatar que, apesar dos soviéticos serem vistos de forma depreciativa devido à sua forma de vestir e de comunicar, eles arriscaram as suas próprias vidas ao explodirem com o Mausoléu, para conseguirem ajudar a população da PraiaDoBispo, mostrando assim compaixão, não apenas pela família da AvóDezanove, mas por todos os moradores que iriam ver a sua Praia destruída. As limitações dos estereótipos tornam-se assim evidentes.

4.3-Chineses

Em *Os Transparentes* encontramos personagens de várias nacionalidades, mostrando que Luanda não se restringia apenas a Portugueses, Franceses, Soviéticos e Cubanos. Encontramos uma grande variedade de estrangeiros, acabando por ilustrar-nos uma Luanda viva, onde habitavam povos de diferentes nacionalidades, de diferentes culturas e diferentes crenças. Assim, podemos constatar que o multiculturalismo estava verdadeiramente presente, e que a interrelação das várias culturas no mesmo ambiente conduzia a uma coabitação nem sempre pacífica.

Os chineses contam-se entre estes povos presentes em *Os Transparentes*. Surgem apenas nesta obra, e são representados como um povo de comportamentos duvidosos. São personagens secundárias, colaborando apenas no desenrolar da narrativa.

Com os olhos postos neste romance, constatamos que a comunidade chinesa sentia dificuldades na forma de comunicar, idêntica à dificuldade sentida pelos russos, acabando por ser alvo de judiaria:

-vende quê ?/ -concha/ -con já? /-vamos só embora – riu o Cego. –
esse BruceLi já tá a misturar Kimbundu com chinês! (Ondjaki,2012, p.64)

É ainda importante explorar a referência a Bruce Lee presente na citação anterior. Lee foi um ator e artista marcial sino-americano, e podemos acrescentar que este ajudou a transformar as artes marciais num fenómeno global. Assim, tornando as artes marciais num fenómeno global, acabou por associar as mesmas à cultura asiática, contribuindo para criar um estereótipo desta cultura.

Devemos ainda ter em atenção a questão linguística, uma vez que os chineses tentam uma aproximação fonética apesar das dificuldades existentes na pronúncia das palavras.

Podemos afirmar que os chineses não tinham muitas posses e viviam com dificuldades: *“chinês sempre de pouco dinheiro, ná compra” (Ibidem).*

Para além das dificuldades visíveis na vida do quotidiano da comunidade chinesa presente em Luanda, conseguimos também apurar que estes apresentavam comportamentos inadequados e agressivos.

-em princípio saem hoje, não queriam sair, os chineses, aluguei aquilo por um ano, já terminou há mais de um mês, e não saem, quando você me disse que estava interessado, fui lá falar com os homens

-e não saíram?

-você nem sabe o trabalho que aquilo me deu, ameaçaram-me com truques de Kung fu, bruce lins do caralho...

-e você não mostrou os seus dotes de Karate misturados com bassula?

-eu não, que não tenho idade para isso, deixei-os lá estar quietinhos e voltei no dia seguinte. (Ondjaki, 2012, pp.297-298)

Como referido anteriormente, encontramos a existência de estereótipos dos chineses entre os angolanos e até podemos aferir que é visível algum preconceito pela parte destes. É importante salientar que este preconceito não deve ser atribuído a Ondjaki, uma vez que este se limita a mostrar a realidade existente em Angola. Assim, devemos considerar que é um preconceito generalizado entre a população angolana.

O imaginário cinematográfico está bastante presente na obra de Ondjaki em geral e podemos contatar que este várias vezes aparece ligado à globalização. O mundo da cinematografia é uma das indústrias culturais mais apreciadas, tendo contribuído por isso poderosamente para a produção de imagens do Outro.

Olhando com atenção para a citação anterior, constatamos que o Karate e a bassula⁴ são colocados ao mesmo nível, o que demonstra mais uma vez uma presente globalização através da cinematografia. A bassula e o karaté apresentam-se como manifestações culturais que traduzem identidades específicas, embora o karaté se encontre erradamente associado à China, o que torna evidente a confusão entre chineses e japoneses.

Por certo, percebemos que, na visão dos luandinos, a comunidade chinesa não é confiável nem verdadeira para com os seus compromissos: *“-Tem certeza, senhor Noé, não é melhor irmos mais preparados? Com esses chineses nunca se sabe...” (ibidem)*. Aliado a este fator, observamos

⁴ Segundo o Glossário Africano, “bassula” significa golpe de luta; pancada.

ainda a hostilidade com que os luandinos viam os chineses, tendo como ponto de referência o facto de estes vestirem roupas idênticas e parecerem serem todos a mesma pessoa:

mas... digam lá vocês se eu bebi de mais, quantos chineses é que já saíram dessa casa? -Noé parecia confuso

os demais do grupo faziam gestos com os dedos e com os olhos, era confuso, entravam e saíam, iam ao carro, tinham roupas e rostos demasiados parecidos e havia já crianças à mistura, até que no fim, quando terminaram de retirar todas as coisas e a mulher veio entregar a chave, Noé subiu à parte de trás da carrinha, com a arma no braço, e um estranho silêncio fez-se sentir entre os chineses

Noé desceu, com ar abatido, juntou-se aos amigos num olhar parado que assistia à partida da viatura e finalmente proferiu a sua sentença

-estes chineses são fodidos!

-como assim, compadre?

-então quando aluguei a casa eram sete, agora contei onze, entre os quais duas crianças de colo e dois pré-adolescentes. (Ondjaki, 2012, p. 300)

Esta visão de que os orientais são todos iguais é bastante usual à volta do mundo; no entanto, como sabemos, isto dá-se porque o reconhecimento facial do cérebro tem as suas limitações, e uma delas é misturar e confundir-se sempre que se depara com um rosto de uma etnia diferente. Portanto, quanto mais contacto tivermos com esta etnia mais fácil se torna o reconhecimento.

A emigração chinesa para Luanda, pela sua natureza, introduz um contraste de culturas e modos de vida muito marcado.

Através de excertos presentes na obra podemos afirmar que há uma dinâmica de conflito e confrontações entre as comunidades.

4.4-Cubanos

O aparecimento dos cubanos na literatura de Ondjaki é de extrema importância. Estes, na sua literatura, eram quase imprescindíveis, uma vez que estiveram presentes, ao lado do MPLA, desde 1975, em Luanda, envolvidos numa guerra que não era sua, e lutando por um país que não era o seu. Os cubanos não lutaram apenas com armas, sendo soldados, mas também com cultura, ajudando na educação de um país que estava extremamente fragilizado.

Ondjaki retrata os cubanos nas obras *Bom dia Camaradas*, *AvóDezanove e o segredo soviético* e *Os Transparentes*. Eles ocupavam funções como militares, professores e médicos.

Nas duas primeiras obras citadas anteriormente, os cubanos desempenham um papel importante; estes interligam com o quotidiano do protagonista, atuando como personagens secundárias na intriga.

O protagonista destes dois romances apelida os cubanos de “camarada”. A palavra “camarada” é uma marca de época que apresenta ressonâncias políticas, uma vez que é a forma de tratamento característica dos regimes comunistas, destinando-se a apagar hierarquias, de forma a exprimir a igualdade.

Ao retratar os professores cubanos, Ondjaki mostra-nos a dificuldade que estes sentiam com a língua portuguesa na comunicação com as crianças, nas escolas. Mais uma vez, a questão da língua é apresentada como uma barreira a enfrentar pelos estrangeiros, sendo também por esse motivo a troça pelos falantes nativos. Percebendo isso, as crianças falavam rápido, de forma a ser ainda mais complicada a descodificação do sentido:

Rebentámos todos a rir. Eu e o Bruno também gostávamos de brincar com os professores cubanos, como eles às vezes não percebiam bem o português, nós aproveitávamos para falar rápido e dizíamos disparates (idem, p.16 e 17)

Devemos, no entanto, salientar que a proximidade entre professor e aluno, apesar das barreiras linguísticas, é bastante visível. A forma carinhosa e simples de viver o dia a dia apresentado pelos cubanos era um ponto marcante na educação social para as crianças angolanas:

Todos gostávamos do professor Ángel. Ele era muito simples, muito engraçado. No primeiro dia de aulas ele viu Cláudio com um relógio no pulso e perguntou se o relógio era dele. O Cláudio riu e disse que sim. O camarada professor disse mira, yo trabajo desde hace muchos años y todavía no tengo uno, e nós ficámos muito admirados porque quase todos na turma tinham relógio. (idem, pp.17 e 18)

A proximidade afetiva entre estes é ainda mais visível no seguinte excerto. Podemos também salientar que os professores cubanos trouxeram novos métodos pedagógicos para a sala de aula, o que só por si já cativava os alunos:

Mas não era só do professor Ángel e da professora Maria. Nós gostávamos de todos os professores cubanos, também porque com eles as aulas começaram a ser diferentes. (Ondjaki, 2003, p. 18)

O narrador-protagonista acaba mesmo por reconhecer esta ligação entre professor e aluno: “Estávamos um bocado envergonhados, mas não sei porquê, eles eram nossos amigos já, talvez fosse mesmo por estarmos na casa deles.” (idem, p.127).

No entanto, esta proximidade não é apenas cingida aos professores, mas sim aos cubanos em geral. Nas obras de Ondjaki encontramos o exemplo de uma outra classe trabalhadora, a classe médica, na pessoa do “camarada médico cubano, RafaelTruzTruz” (Ondjaki, 2008, p. 51). O nome por que o médico é conhecido, para além de uma marca afetiva, revela ainda uma certa tendência jocosa presente noutras alcunhas, o que pode ser tomado como um traço da maneira de ser angolana.

Através da descrição de RafaelTruzTruz podemos perceber que este é munido de uma boa disposição, uma vez que faz questão de fazer referência, sem vergonha, à sua alcunha, podendo acabar por ser alvo de chacota:

Quando chegámos lá o camarada médico RafaelTruzTruz estava a rir à espera da AvóNhé.
-Truztruz- brincou a bater na porta do carro. (idem, p. 90)

A forma afetiva com que RafaelTruzTruz tratou a AvóNhé também deve ser referida, uma vez que não é comum observarmos um médico dançar com um paciente (p. 91). A forma simples e amorosa com que este tentou tranquilizar a paciente antes da operação é de exaltar:

-Esto es para que, cuando esté mejor, lo bailemos otra vez. Usted va a ver que bello trabajo vamos a hacer aquí. Solo necesito que esté tranquila, abuela. (idem, p. 91)

Demos ainda referir a personagem EspumadoMar, uma vez que apesar de ser angolano, viveu em Cuba. É uma personagem bastante invulgar, podendo ser visto como um representante da complexa identidade do emigrante, já que nele convivem dois mundos, Angola e Cuba. A sua fala, uma mistura do português com o castelhano, revela a dificuldade dele próprio conseguir encontrar o seu verdadeiro lugar.

Um outro marco da vivência cubana em Angola é a pobreza. A vida simples dos professores cubanos impressionava os meninos angolanos:

A mesa estava bem bonita; tinha croquetes, sandes, gasosas, fruta, bolo e torta, ficámos logo com água na boca, todos com os olhos já tão acesos que ninguém deu os parabéns ao miúdo. E quem tinha os olhos mesmo bem acesos era o camarada professor Ángel, tipo nunca tinha visto tanta comida junta, dava gosto ver-lhe atacar o pão com compota. (Ondjaki, 2003, p. 44)

Através desta citação, podemos especular que, além da falta de bens materiais como relógios, que os meninos angolanos exibiam em seus pulsos, os cubanos sentiam também falta de alimentos, isto é, apesar de comerem e não sentirem fome, estes não estavam acostumados a ver vários tipos de alimentos, nem a ter abundância dos mesmos. A citação abaixo mostra a realidade do seu dia a dia:

Mas eu pergunto-me: aquilo era chá? Quer dizer, um pacote de chá dividido por duas chávenas, quatro copos e um pires, ainda é chá? Logo eu que fui o último, tive que imaginar que aquilo era sumo de açúcar, e depois ainda tive que pensar que não era preciso imaginar esse sumo porque aquilo era mesmo sumo de açúcar. (idem, p.128)

A diferença de qualidade de vida é ainda mais visível quando comparamos as casas dos professores cubanos com as casas dos angolanos. Os professores viviam em prédios precários, pouco arejados e com pouca qualidade de vida; os móveis e eletrodomésticos eram velhos e com muito uso:

Sentámos ali nos cadeirões com bué de buracos, começamos a olhar: tinham uma tv a preto e branco, a mesa só tinha três pernas e tinha ao lado uma cadeira igual à que havia na escola. (Ondjaki, 2003, p.127)

(...) o Bruno fez assim com a mão no nariz, tipo que estava a cheirar mal, mas a Petra mandou-lhe logo uma olhada que ele até se endireitou. Eu não disse nada mas também achei que estava a cheirar a mofo. (ibidem)

Devemos salientar que também a personagem EspumadoMar, tal como os cubanos, é uma personagem vista positivamente; a proximidade com os restantes angolanos e a forma de viver, pobre e desligado materialmente, mostra assim o seu lado humano.

Com os olhos postos na comunidade cubana, é ainda de constatar que o povo cubano era um povo apaixonado pela sua terra natal, com desejo de voltar às suas origens, isto é, apesar de estarem a auxiliar Angola, o verdadeiro desejo era irem para as suas praias e para junto do seu povo, como é comum entre os emigrantes. Percebemos assim que estes nutriam uma grande saudade de tudo o que envolvia a sua terra. Da mesma forma que o povo que acolhe vê geralmente o outro como diferente e até, por vezes, inferior, o mesmo parece suceder com quem chega, que mantém a sua terra como padrão e não pode por isso deixar de se sentir estranho em terra alheia.

-Tudo era melhor lá, las playas, las chicas, la comida...tudo...e também tinham a mania que conheciam Angola melhor que nós, porque como eram soldados, realmente, já tinham percorrido muitas terras que nós nem sempre tínhamos acesso. (Ondjaki, 2012, p. 311)

Percebemos ainda uma referência à experiência do povo cubano, quando refere que estes conheciam mais terras que vários angolanos, uma vez que nem todos os angolanos conseguiam viajar, mesmo dentro do próprio país, devido aos grandes custos e ao facto das suas guerras terem acontecido sucessivamente, o que não facilitava as deslocações. Os cubanos, apesar de não viajarem a turismo, acabavam por fazer viagens militares, ficando assim a conhecer lugares, pessoas e até crenças que a maioria dos angolanos não conheciam.

A coragem e valentia dos “camaradas cubanos” é ainda de salientar:

Miren, les garantizo que no van a hacer nada de eso...,no aqui en nuestra escuela. Hacemos una trincheira; si fuera necesario entramos en combate com ellos; defendémonos com las carteras, com palos y piedras, pero

luchamos hasta el fin! -Bateu de novo com o punho na secretária, ele suava, suava. (Ondjaki,2003, pp.71-72)

Este sentimento de justiça e bravura é bastante marcante: “Pois, mas eles como são militares têm sempre essa coisa de combater. Mesmo assim eu acho que eles são corajosos...” (*idem*, p.78).

O heroísmo atribuído aos cubanos é o ponto de partida para uma autoanálise e até autocrítica, olhando os angolanos para si a partir do que observam no outro:

-já viste o que é, vir para um país que não é o deles, vir dar aulas ainda vá que não vá, mas aqueles que vão pra frente de combate... Quantos angolanos é que tu conheces que iam para Cuba lutar numa guerra cubana?
-Eu não conheço nenhum... (*idem*, p.79)

Por fim, devemos ainda referir que muitas das estórias contadas pelos cubanos não eram verdade, sendo apenas uma tentativa/ forma destes se integrarem com os angolanos, o que revela a necessidade de sentirem que são aceites. Por outro lado, acaba por revelar que os angolanos são um povo que aprecia a comunicação:

- e eu tou a contar ao gajo que já tinha gravado músicas em Luambala, e o cabrão diz « Luambala, como no, aí mesmo estive yo com mi unidad», e eu tudo bem, era possível, depois recordei quando estive no Chiume e o gajo «oye, Chiume, como no?, muy cerca de KuandoKubango, aí mesmo combati los sudafricanos», e eu já a ver o filme do gajo, falo da minha infância no Lumeje e o cabrão logo a reagir «oye,compañero, Lumeje, como no, si aí mismo hemos estado la semana pasada», e eu já ya manhenu⁵,e não é que o cabrón se vira para mim, na maior lata e diz «oye, sunda manhenu, como nó? Aí mismo comimos ayer!» (Ondjaki, 2012, p.311)

Assim, pela forma carinhosa e até mesmo protetora com que Ondjaki descreve as personagens cubanas, podemos perceber que há uma ligação positiva extremamente forte entre os cubanos e a sua infância.

⁵ Em kimbundu: «conha da tua mãe!».

4.5-Portugueses

Os Portugueses ocuparam Angola sob o comando de Diogo Cão, no reinado de D. João II e, gradualmente, Portugal colonizou o interior das Terras Altas. No entanto, o controle total de todo o território apenas se deu no século XX.

A colonização portuguesa é um marco na História de Angola, assim como na História de Portugal, pelas alterações que provocou na vida dos dois territórios. Durante vários séculos, Angola funcionou como um armazém de escravos para as plantações e minas de outras colônias portuguesas, como sucedeu com o Brasil. Quando o Brasil ficou independente de Portugal, as colônias africanas foram vistas como substitutas da colônia americana. Daí que Portugal olhasse para estas regiões de forma diferente, mas com a mesma atitude. Apesar de em 1951 as colônias portuguesas terem mudado de nome para “província ultramarinas”, trata-se apenas de uma manobra política, continuando a sofrerem abusos pela parte do colonizador.

A presença dos portugueses em Angola devia-se à colonização e, após a 2ª Guerra Mundial, houve um aumento do número de portugueses em Angola devido às dificuldades económicas vividas em Portugal. Com a guerra colonial, a maioria dos portugueses viram-se obrigados a abandonar o território depois da independência, o que causou danos dramáticos não apenas em Portugal, mas também na própria Angola, uma vez que o desenvolvimento económico e a exploração dos recursos destinados à exportação se mostrou muito lenta.

Ondjaki, como não podia deixar de ser, devido ao passado histórico que Angola tem com Portugal, faz referências aos portugueses nas obras, mais concretamente em *O Livro do Deslembamento* e *Bom dia Camaradas*. Nas intrigas, as personagens portuguesas surgem como personagens secundárias, auxiliando no desenrolar da obra e contribuindo para demonstrar as divergências culturais que existiam entre as personagens.

Neles podemos constatar que os portugueses são vistos de forma depreciativa, como é o exemplo da personagem que é a esposa do Mogofores. Nesta referência, podemos constatar que esta mulher era alvo de troça pelas crianças na escola, que não acreditavam que ela não falava “corretamente”: “na minha escola quando contei ninguém acreditou, mas em vez de vaca ela dizia «baca», e ainda dizia «dibertido» e «sobaco»” (Ondjaki, 2020, p. 12); “mas há uma palavra

que ela dizia sempre e eu tinha que fingir que estava a rir de outra coisa: a mulher do Mogofores dizia «iágua» quando queria beber água”) (*ibidem*). Também era gozada pelos amigos do seu marido, pois “*todos riam a disfarçar*” (*ibidem*), e por ela ressonar muito alto:

(...) ressonava como se fosse uma baleia com motor range-rover / uma noite, no Mussulo, todos acordámos só para rirmos juntos daquele barulho assim tão grande: a mulher do Mogofores, mesmo assim que lhe puseram no quarto lá do fundo, conseguia ressonar de um modo que a porta de madeira do tio Chico e o espelho estremeciam cada trinta segundos da respiração dela” /-uma berdadeira valeia! / o tio Chico é que gozava (idem, pp.12-13)

(...) dentro de casa, no canto perto da televisão ligada mas já sem som, estava o Mogofores e a mulher dele, que ficou famosa entre nós pela capacidade de ressonar ao ponto de estremecer as portas de madeira da sala e da cozinha que nem eram perto do quarto onde eles dormiam (idem, p. 194);

De facto, as referências à esposa do Mogofores são sempre apreciações negativas sobre o seu comportamento:

a mulher do Mogofores arrotou como se fosse o maior homem da mesa e até o Jacó se assustou (idem, p.14)

enquanto se despedia com uma mão, com a outra mão a mulher do Mogofores atacava o pires das pipocas oleosas e chupava os dedos para aproveitar bem todas as gotas de gordura (idem, p.15)

Ao olhar para esta personagem tão marcada por observações pejorativas, podemos constatar que o narrador quis caracterizá-la e marcá-la fortemente enquanto uma personagem rústica, incivilizada e grosseira do ponto de vista dos luandinos.

Podemos também aproximar a esposa do Mogofores à ideia que Ndalú e os luandinos teriam sobre a generalidade da mulher portuguesa, ou seja, a esposa do Mogofores é como se fosse um espelho de todas as mulheres portuguesas:

(...) por exemplo, como a mulher do Mogofores, que vinha lá dos nortes de Portugal, não sei agora como era o nome da terra dela, mas ouvi dizer noutros miúdos que as mulheres de lá são diferentes / -diferentes? /ainda perguntei / - sim ...não gostam de tirar os pelos debaixo do sovaco ... nem de outros lugares – e faziam pausas de suspense tipo dos filmes – algumas têm bigode que até dá para coçar assim de lado, a enrolar tipo desenhos animados do Dom Quixote”) (idem, p.196)

Com a citação anterior, Ondjaki apresenta-nos um estereótipo da mulher portuguesa.

De forma a reforçar a ideia de que os portugueses eram incivilizados e estavam deslocados no jovem país, demonstrando mais uma vez a forma como Portugal era visto pelos Angolanos, um país atrasado, extremamente tradicional, com valores e atitudes ultrapassadas para a época, Ondjaki apresenta-nos uma nova personagem de origem portuguesa: o Senhor Osório. Ao observar esta personagem, podemos constatar que ela apresenta uma característica especial: o seu cheiro. Ao contrário dos restantes, este nunca cheirava mal, devido à água de colónia que ele usava. Esta água de colónia é chamada pelo narrador de “água de colono”:

passavam muitos suores no ar / do camarada do bar, de nós, das pessoas que passavam na rua, menos do senhor Osório, o senhor Osório nunca cheirava a nenhum cheiro a não ser a água do colono que ele punha todos os dias e a toda a hora, até antes de ele chegar num lugar já sabíamos que era ele, com o cheiro todo espalhado pelas bochechas, pescoço” (Ondjaki, 2020, p.164)

O senhor Osório apresenta ainda uma característica caricata: a sua forma de vestir. Por essa razão, este era muitas vezes apelidado de “calças-no-sovaco”:

O Osório chegava com o riso dele sempre pendurado na boca, os óculos muito grandes a escorregarem num calor de fim de tarde, as calças muito puxadas para cima, quase a baterem nos sovacos (idem, p.13)

foi, tenho quase a certeza, a primeira e última vez que eu ia ver o senhor Osório sem os suspensórios dele, mesmo na praia o cheiro da água do colono lhe acompanhava, dois anéis na mesma mão, os óculos fotogrey assim a quererem ficar escuros (idem, p.181);

(...) as sandálias dele sempre muito bem engraxadas de um castanho feio, é verdade, mas sempre impecáveis, como dizia o tio Chico (ibidem).

Como podemos constatar acima, o senhor Osório aparenta ser um homem que, apesar de exagerado, quer ser um homem charmoso. No entanto, apresenta também uma tendência para o uso de roupas fora de moda para a época (o uso de suspensórios). Ele preocupa-se com a imagem que passa dele próprio aos outros. Podemos, assim, considerar que o mesmo é um homem vaidoso. De uma forma mais abstrata, podemos comparar esta personagem ao homem

português presente em Luanda e na visão dos luandinos, que se preocupa com a imagem que passa, mas que se encontra “fora de moda” e “desatualizado” (uma vez que Portugal já não era colonizador e que existia agora uma nova preocupação, a guerra civil.)

Apesar desta visão menos positiva dos portugueses, há ainda uma parte dos angolanos que acreditava que os portugueses fizeram um bom trabalho na época da colonização:

-Mas, António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os Portugueses tavam aqui a fazer o quê?

-Ê!, menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa...tinha tudo, não faltava nada...

-Ó António, não vês que não tinha tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser diretor, por exemplo...

-Mas tinha sempre pão na loja, menino, os machimbombos funcionavam...ele só sorrindo” (Ondjaki,2003, p.14)

Através das palavras do Camarada António, conseguimos perceber que, no tempo da colonização portuguesa, a cidade estava mais bem organizada, mais limpa, havendo uma quantidade de alimentos superiores à atual e que os transportes públicos estavam disponíveis, ou seja, estes estavam em bom estado e a funcionar; no entanto, trata-se da opinião do Camarada António sobre o estado da capital na época colonial, opinião que o protagonista acaba por colocar em causa.

É ainda de salientar a presença de uma outra personagem, “a tia de Portugal” (Ondjaki, 2003, p. 22), a tia Dada. Apesar desta personagem só poder ser vista como emigrante em Portugal, visto que é natural de Angola, percebemos que há nela atitudes que demonstram uma desadequação à vida em Angola.

A introdução feita a esta personagem revela, ao contrário da esposa de Mogofores e do senhor Osório⁶, uma outra visão de quem vem de fora, apesar de ao longo da obra percebermos que existe uma divergência de pensamentos, ideologias e vivências entre o menino e a tia:

-Tia, não percebo uma coisa...

-Diz, filho.

⁶ Referência a personagens presentes na obra *O livro do Deslebramento*.

-Como é que tu trouxeste tantas prendas? O teu cartão dá para isso tudo?

-Mas qual cartão?- ela fingia que não estava a perceber.

-O cartão de abastecimento. Tu tens um cartão de abastecimento, não é?- eu, a pensar que ela ia dizer a verdade.

-Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão. (idem, p.48).

Percebemos também que esta familiar é vista de forma carinhosa. Conseguimos, desde o primeiro capítulo, observar a forma afetiva e até calorosa com que o narrador introduz a personagem.

Uma vez ela pôs-me a falar com o filho dela, e passámos a tarde toda a rir, eu e as minhas irmãs, por causa da maneira como ele falava. Eu quase nem conseguia responder, estive quase para me atirar no chão de tanto rir, até a minha mãe teve que dizer que eu estava com cólicas na casa de banho. A minha tia dava menos vontade de rir, porque ela falava muito devagar, tinha assim, como dizem os mais velhos- e o Cláudio não me pode ouvir a dizer isto-, ela tinha uma «voz doce». (idem, p.24).

Ao observarmos a citação anterior, constatamos que a maneira de pronunciar a língua portuguesa do primo que vive na Europa é diferente da pronúncia do português da variedade angolana. Esta diferença faz com que seja visto de forma ridícula. Esta situação não acontece apenas neste caso, mas em qualquer parte do mundo, pois o que não é comum é muitas vezes ridicularizado por ser considerado inadequado ou até mesmo inferior.

Como já foi referido, conseguimos observar, aqui, uma personagem, de extrema oposição à personagem da esposa do Mogofores, citada anteriormente. A Tia era vista como sendo simpática, e engraçada, demonstrando assim ter uma ótima ligação com o menino: “A sorte é que a tia Dada era muito simpática e trouxe, para além das batatas, um montão de chocolates.” (idem, p.42).

Através desta citação podemos fazer uma ligação aos bombons franceses, que acabaram por desencadear uma boa impressão transmitida pelo casal de vizinhos franceses. Assim, podemos verificar que chocolates são uma ostentação europeia.

Apesar de a tia viver em Portugal, sabemos que cresceu em Luanda, tornando-se assim uma personagem entre dois mundos. Podemos comparar a tia Dada ao EspumadoMar⁷, uma vez que também ele era uma personagem entre dois mundos.

O modo de vida representado pela tia é oposto ao que é vivido em Luanda, colocando dúvidas ao pequeno sobre a veracidade das afirmações da visitante:

-Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos...

-Ninguém?- eu estava mesmo espantado, mas não muito, porque tinha a certeza de que ela estava a mentir ou a brincar. -Nem tem um camarada na peixaria que carimba os cartões quando levantas peixe à quarta-feira? (Ondjaki,2003, p.49)

É observável, aqui, as dificuldades existentes na sociedade angolana no período da guerra civil. A forma de racionamento alimentar através de carimbos no cartão demonstra a carência de alimentos e a dificuldade em adquirir os mesmos. Ao contrário das famílias angolanas, a tia Dada vivia em Portugal, rodeada de alimentos, necessitando apenas de dinheiro para os comprar. Podemos constatar que o poder de compra em Portugal é o oposto do poder de compra em Angola.

A diferença ideológica não é apenas visível na forma de obter os alimentos pretendidos, mas também no comportamento, dependendo das situações. A forma confusa como a tia viveu o episódio em que passava o carro do *camarada presidente* é um dos muitos exemplos destas diferenças de ideologia. O comportamento de um angolano perante o carro do *camarada presidente* mostrou ser bastante exagerado para a ideia que a tia tinha e estava habituada a viver na Europa: “Mas sair do carro porquê? Eu não quero fazer chichi! - ela estava mesmo sentada, impressionante, e ainda estava a rir.” (Ondjaki, 2003, p. 55). A forma como o camarada João reagiu ao ver o comportamento da Tia Eduarda também demonstra que, apesar de tudo, o angolano comum tinha ainda receio da força política: “Dona Eduarda, por favor, sai só do carro... -o camarada João falava tipo tava com febre.” (*ibidem*).

⁷ Personagem presente na obra *AvóDezanove e o segredo do soviético*

Do ponto de vista da tia, o comportamento do sobrinho e do motorista era apenas “cerimónia” (*idem*, p.56), uma vez que em Portugal ninguém saía do carro para ver o presidente passar: “*Bem, eu nunca vi o presidente passar lá, mas garanto-te que ninguém sai do carro, alias às vezes nem se percebe que o presidente vai num carro.*” (*idem*, p.58).

4.6-Americanos

O aparecimento dos americanos na literatura de Ondjaki demonstra mais uma vez a grande variedade de estrangeiros que se deslocam a Angola, evidenciando a atratividade da jovem nação, a qual se apresenta claramente como multicultural.

As ligações históricas existentes entre África e América é um dos fatores que contribuem para o aparecimento destes nas obras do autor.

Ondjaki faz referência aos americanos apenas na obra *Os Transparentes*. Eles surgem através de uma personagem secundária, um jovem negro que passaria despercebido na sociedade angolana, se não exibisse sinais peculiares que marcavam a sua diferença em relação aos que o rodeavam: “o americano era um jovem, negro, igual a tantos jovens angolanos, não fosse pela língua inglesa, pelo olhar suado e desesperado, nunca seria identificado pela sua verdadeira nacionalidade” (Ondjaki, 2012, p. 117).

Através desta afirmação podemos fazer, como referido anteriormente, uma associação histórica entre Angola e a América. Como sabemos, a escravatura de africanos, neste continente, de forma a aliviar a escravidão dos indígenas nativos americanos, teve início a 1526, chegando ao seu auge nos séculos [XVIII](#) e [XIX](#) (Wikipedia, 2021). Por esta razão, muitos brasileiros descendem de escravos africanos, denominando-se de afro-americanos.

Este jovem mostra-se acessível e amigável ao reconhecer um rosto na multidão e ao esforçar-se para se adaptar ao idioma do mesmo: “yeah, long time...what’s up?/ tudo bem – Raago arriscou o pouco que lembrava do seu português” (Ondjaki, 2012, p.119). A língua é mais uma vez um fator de diferenciação e, por outro lado, uma das dificuldades que os estrangeiros têm que enfrentar. Acabamos ainda por perceber que o jovem americano é um dos melhores cientistas e que é excelente e experiente a encontrar petróleo, encontrando-se por isso em Angola por motivos profissionais:

-aquele cientista americano, acho que já te falei dele uma vez...o Raago, é um dos mais craques do petróleo, descobre petróleo onde nem as baratas imaginam, foi ele que disse aos timorenses onde estava o precioso líquido. (idem, p.127)

Podemos ainda notar que este cientista conseguia conviver com a dura realidade de Luanda sem se sentir superior aos nativos. Assim, a forma simples como esta personagem encarava a vida é um dos pontos possíveis para uma aproximação social:

o americano não se incomodou com a ideia nem sentia nojo do inseto, precisamente porque tinha a sensação de que a barata o tinha estado simplesmente a observar. Como se fosse falar. Mas não. Uma estranha e calma barata, enorme e albina. (idem, p.154)

Apesar das tentativas de aproximação cultural desenvolvidas pelo americano, este sentia dificuldades não só ao nível da língua como também ao nível das atitudes: “foi convencido, sobretudo pelo senhor Assessor, de que seria muito indelicado, até culturalmente, recusar o bom *whisky* que lhe ofereciam” (idem, p.176).

4.7-Ingleses

Apesar de não serem um contingente de extrema importância para a temática em estudo, e de entre as obras analisadas surgirem apenas em *Os Transparentes*, passaremos a apresentar um conjunto de características que acabam por determinar a visão que a partir da obra referida nós temos da personagem inglesa.

Esta personagem não tem uma importância de relevo na intriga do romance, fazendo parte do grupo das personagens secundárias.

A primeira referência que encontramos aos ingleses em *Os Transparentes* é quando da aparição de uma jovem jornalista. Esta cativou a atenção dos *fiscais DestaVez e DaOutra*, pois reunia em si duas características de que os angolanos menos gostavam: não aceitar dançar na festa com ninguém e começar a tirar fotos de tudo o que conseguia ver:

a jovem jornalista sorria e tirava fotografias aos presentes, não se apercebendo de pelo menos duas coisas de que os angolanos não gostam muito, uma- que nada tem que ver ainda com a presente situação- é que uma mulher esteja numa festa e não dance com ninguém, e a outra, esta sim, mais pertinente para o caso, que desatem a tirar fotografias sem se identificarem ou explicarem o objetivo de tais obturais disparos. (Ondjaki, 2012, p.224)

A apreciação em relação à dança acaba por ser de forma indireta uma caracterização dos angolanos, uma vez que percebemos através da reação ao estrangeiro uma característica importante dos angolanos, mais propriamente da mulher angolana, que é alegre e gosta de dançar.

Esta personagem demonstra ser inteligente e de difícil persuasão, pois tem as suas próprias ideias e ideologias; revela um grande espírito prático, uma vez que tenta resolver situações de forma rápida:

-os senhores é que fornecem esses documentos? -a moça, séria, quis resolver a questão para continuar com as fotografias – trabalho para a BBC, e sou credenciada (idem, p.226).

Podemos ainda afirmar que é uma personagem de fáceis emoções, uma vez que acaba por se irritar com os fiscais que lhe tentavam extorquir dinheiro com a desculpa que precisava de uma

autorização especial para poder tirar fotografias no evento: “e porquê? – a jornalista estava irritada” (*idem*, p.227).

Como referido anteriormente, demonstra uma inteligência fora do normal, uma vez que consegue, através de algumas falas, constranger os fiscais e livrar-se do problema que tinha em mãos. Ao insinuar que estes poderiam ser um casal homossexual, sugere que é conhecedora de temas sensíveis na sociedade angolana ou de algumas particularidades do homem angolano, orgulhoso da sua virilidade, e acaba por conseguir o que quer: continuar a tirar fotografias na festa e concluir o seu trabalho:

-eu ouvi dizer que os fiscais aqui em Luanda...costumam ser mais simpáticos com os jornalistas homens... não sei se é o vosso caso. aliás, eu ia escrever justamente sobre esta questão ... vi tantos homens aqui na festa...até os senhores, que chegaram juntos (Ondjaki,2012, p.228)

Devemos ainda notar o facto de que esta jornalista é munida de um excelente carácter social, uma vez que ajuda Odonato a mover-se até casa: “a jornalista inglesa encontrou Odonato, à hora combinada, no meio da escadaria e ajudou-o a subir os andares que faltavam até ao sexto” (*idem*, p.279). Para além deste episódio, podemos ainda dizer que é humilde, dedicada e que, ao contrário dos seus colegas de trabalho, não se limitava a depreender histórias, mas sim a investigá-las.

AvóKunjikise gostou dela, mesmo não a conhecendo, pelos seus gestos de mãos, parecia alguém com mais vontade de aprender do que de deduzir sobre escassos conhecimentos, como era prática usual entre outros jornalistas, fossem de que nacionalidade fossem (*idem*, p. 280)

Uma outra característica muito presente nesta jovem é o sorriso e a delicadeza: “a jovem sorriu de modo discreto e aberto ao mesmo tempo” (*ibidem*). Este gesto singelo demonstra um desejo de aproximação, ou seja, apesar de ser de uma nacionalidade diferente, esta jovem trata os habitantes de Luanda de forma igual, sem se sentir superior e sem necessitar de depreciar ninguém. A forma compreensiva como a jornalista prosseguia a sua entrevista é exemplo da excelente profissional que era, conseguindo respostas sem necessitar de impô-las: “vamos falar

da vida, do prédio, do que quiser” (Ondjaki, 2012, p.281). Revela assim uma abertura ao Outro, sem preconceitos ou ideias pré-concebidas sobre a realidade em que se movimenta.

Como sabemos, foi a Inglaterra que, através do *Ultimatum*, em 1890, exigiu a retirada das forças militares portuguesas mobilizadas nas regiões entre Angola e Moçambique, uma vez que a Inglaterra sonhava com um caminho-de-ferro que ligasse a África do Sul ao Egito.

Deste modo, podemos acreditar que, tal como esta jornalista, que apoia e ajuda os habitantes deste prédio, as boas intenções e o humanismo, não são suficientes para alcançar os seus objetivos, da mesma forma que o sonho Inglês não chegou para alcançar os seus.

4-8-Brasileiros

Por fim, mas não menos importante, passamos à análise da representação de brasileiros.

Como é sabido, a proximidade histórica e ideológica existente entre Angola e o Brasil é bastante acentuada. Os laços históricos e a existência de brasileiros descendentes de escravos africanos é uma realidade e achega assim estas duas nacionalidades.

Ondjaki, através da obra *Os Transparentes*, retrata esta proximidade e, diria mesmo, amizade entre estes dois povos.

A obra *Os Transparentes* apresenta passagens que nos mostram o pensamento e a visão dos angolanos em relação aos brasileiros.

A proximidade linguística e até cultural encontrada entre os habitantes nativos de Luanda e os habitantes brasileiros em Luanda, faz com que a sua presença se traduza numa troca de experiências e vivências; apesar disto, estes são apenas parte do *puzzle* da intriga, não sendo a mesma desenvolvida em torno deles. Assim, podemos afirmar que se trata de personagens secundárias.

A presença de brasileiros na obra manifesta-se através dos assistentes de estúdio de gravações, personagens que se mostram compreensivas e atentas, demonstrando humanismo e até uma boa disposição:

-e aí, cara, preparado pra gravá? -o assistente brasileiro entendeu o sofrimento do rapaz, trouxe-lhe um copo de água e tocou-lhe no ombro de modo carinhoso- é como uma injeção, sacou? que vocês aqui falam pica... quando você menos espera, já passou...vamo gravá? (Ondjaki,2012, p.258)

-se preocupa não, cara, tá tudo certo, vai dá show- um outro assistente brasileiro entendeu a ansiedade do homem, trouxe-lhe um copo de água e tocou-lhe no ombro de modo carinhoso – é como uma injeção sacou? que vocês aqui falam pica... quando você menos espera, já passou...vamo gravá? (idem, p. 259)

Através destas duas citações podemos ainda concluir que a forma amigável como os brasileiros tratavam Édu não reflete uma atitude pretenciosa ou simplesmente uma estratégia para

solucionar e finalizar o trabalho. O adjetivo *carinhoso* demonstra, mais uma vez, a forma afetuosa como estas personagens lidavam com os angolanos.

Apesar de apenas oferecerem água, é um gesto de discernimento perante a situação apresentada. A água não é uma bebida alcoólica que iria alterar Édu, mas é uma bebida que, juntamente com palavras e gestos, poderá acalmar e incentivar o entrevistado a prosseguir, ciente das suas falas e atos.

5- Considerações finais

Em virtude dos factos mencionados nos pontos anteriores, foi possível constatar que a presença de personagens estrangeiras é, na realidade, um traço recorrente na ficção de Ondjaki, uma vez que este, nas suas obras, retrata o quotidiano de Angola da sua infância, mostrando deste modo, não apenas o dia a dia do indivíduo angolano, mas também o (e)migrante que por razões diversas se via a partilhar experiências e a conviver no mesmo ambiente que os angolanos. Por isso, apesar da frequência com que surgem, desempenham quase sempre papéis secundários.

Tendo a forma de representação dos estrangeiros em vista, percebemos que esta não é homogénea a todas as nacionalidades, isto é, nas obras analisadas, há nacionalidades mais representadas que outras. A este respeito, é importante salientar a importância e relevância dada aos soviéticos e aos cubanos, o que, na minha perspetiva, resulta da proximidade da sua presença. O facto de estes fazerem parte da História e da memória recente de Angola, mais concretamente de Luanda, faz com que esteja mais vivo na memória da criança que dá voz à visão retratada.

Os estrangeiros também não são todos vistos da mesma maneira: o imotipo positivo dos cubanos, dos brasileiros e dos franceses opõe-se ao imotipo negativo dos russos, dos chineses e dos portugueses.

Na representação da população francesa, inglesa, americana e brasileira, constatamos uma ligeira afeição humana que pode ter nascido por razões históricas, contribuindo para uma aproximação ideológica. Quanto à população chinesa, esta apresenta um contraste de culturas e modos de vida muito distintos, mostrando, juntamente com os soviéticos, ser uma nacionalidade de contraste, isto é, a representação chinesa e soviética apresenta uma maior divergência cultural e social no posicionamento apresentado no *corpus* selecionado. Convém ainda lembrar que, por outro lado, a forma como o protagonista nos apresenta a visão dos portugueses mostra uma disparidade entre o português de Portugal retratado em *O Livro do Deslembamento* e o luso-africano retratado na obra *Bom dia camaradas*.

Devemos referir que *Bom dia Camaradas*, *AvóDezanove* e *O Livro do Deslembamento* expõem uma natureza migratória diferente da última, diferenciando a representação, não a experiência

em si. A proximidade apresentada entre os estrangeiros presentes nas três primeiras obras e os angolanos é mais evidente. Estes são vizinhos que vivem no mesmo espaço, Luanda, e partilham os mesmos dilemas, mesmo que de perspetivas diferentes. Já na obra *Os Transparentes* os estrangeiros representados deixam evidente o pluralismo cultural existente. Este pluralismo cultural existe nas demais obras de Ondjaki, no entanto é mais acentuado em *Os Transparentes*, uma vez que existe um maior número de nacionalidades representadas. Esta obra mostra estrangeiros que estão em Angola por questões económicas, como Raago, e não por questões bélicas, como acontecia em *AvóDezanove* ou *Bom dia camaradas*. A presença da jornalista inglesa revela o interesse da comunidade internacional pela situação de Angola.

Posto isto, é necessário sistematizar os elementos comuns às diversas representações de estrangeiros. Refiro-me, por exemplo, à questão da língua, pois sejam russos, cubanos ou até portugueses, a língua, para além de fator de identificação de cada comunidade, e, portanto, de distinção, é algo com que o narrador sempre se diverte. A atenção dada à língua não surpreende, pois é algo com que todos os estrangeiros, sejam turistas ou emigrantes, têm que se confrontar. Sendo fundamental para a comunicação, de forma a auxiliar na integração.

A partir da representação dos estrangeiros e da análise do quotidiano é também possível traçar um retrato dos angolanos. Assim sendo, é necessário também ter em atenção o que escreve sobre os angolanos. Partindo deste pressuposto, conseguimos apurar como ponto em comum a força, a alegria, a coragem e os ideais, presentes não só nas personagens de maior destaque, como também nas personagens de menor relevo. Encontramos também mostras de alguns preconceitos relativamente a certas comunidades, como a chinesa ou a soviética.

Assim, depois do estudo das obras e tendo como base a análise e citações apresentadas anteriormente, constatamos principalmente que Luanda apresenta uma grande variedade de estrangeiros, mostrando que o multiculturalismo está bastante marcado na sociedade da mesma; conseguimos ainda perceber que estas nacionalidades não viviam isoladas umas das outras, mas sim em contacto, contribuindo para uma Luanda cada vez mais dinâmica e viva.

Referências Bibliográficas :

- Abud, K. M, Silva, A. C. M, & Alves, R. C. (2010). *Ensino de História* (v.1). São Paulo: Cengage Learning.
- Carreiro, J. (2020). Glossário Africano in *Lusofonia - Plataforma de apoio ao estudo da língua portuguesa no mundo. 3.ª edição*. Obtido a 11 de outubro de 2022 de <https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-Afric-de-Ling-Port/glossario-africano>
- Carvalho, C. (2015). “Os Transparentes”, de Ondjaki in *Homo Literatus*. Obtido a 20 de Setembro de 2022 de <https://homoliteratus.com/os-transparentes-de-ondjaki/>
- Lima, R. A. M. e Nóbrega, M. M. S. S. (2020). Literatura, memória e identidade: Entrevista com Ondjaki. *Revista Letras Raras*. v. 9, n. 3. Obtido em 10 de agosto de 2022 de <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1904>
- Machado, Á. M. e Pageaux, D. (1988). *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70
- Matozzi, M. (2016). Os Portugueses de Torna-Viagem. A Representação da Emigração na Literatura Portuguesa. Obtido em 20 de outubro de 2021 de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/29114/1/Portugueses%20de%20Torna-Viagem.pdf>
- Neumann, G. R. (2019). Literatura, narrativas e migrações. Reflexões e perspectivas. *História: debates e tendências*, v. 19 (2), pp. 179-189. Obtido em 21 de outubro de 2022 de <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/9424>
- Ondjaki. (2003). *Bom dia camaradas* (4 ed.). Editorial Caminho: Lisboa
- (2008). *AvóDezanove e o Segredo do Soviético* (3 ed.). Editorial Caminho: Lisboa
- (2012). *Os Transparentes*. Editorial Caminho: Lisboa
- (2020). *O Livro do Deslembamento*. Editorial Caminho: Lisboa
- Pesavento, S. J. (2004). O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. *História & História Cultural*. (2ª ed.) Belo Horizonte: Autêntica

Sevcenko, N. (2003). *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (2 ed.). São Paulo: Brasiliense

Simões, M. J. (coord.) (2011). *Imagotipos literários: Processos de (des)configuração na imagologia literária*. Centro de Literatura Portuguesa: Universidade de Coimbra. Obtido em 05 de outubro de 2022 de <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/28919/1/Imagotipos%20liter%C3%A1rios.pdf>

Wikipedia. (2021). Escravidão nos Estados Unidos. Wikipédia. Obtido em 02 de abril de 2022 de https://pt.wikipedia.org/wiki/Escavid%C3%A3o_nos_Estados_Unidos

Anexos:

1-Entrevista ao autor:

- **1. Ondjaki surge num movimento da literatura angolana pós-literatura de combate. Essa é a razão para observarmos uma literatura marcada por personagens do mundo?**

Não sei o que quer dizer com "personagens do mundo". Há livros em que a ambiência histórica, social e até emocional faz parte de um universo específico que pode ser designado como "angolano" (vide "Bom dia camaradas", "Os da minha rua", "AvóDezanove e o Segredo do Soviético", "Quantas madrugadas tem a noite", "a bicicleta que tinha bigodes", "Os Transparentes" e "O livro do deslembamento"). Portanto, há personagens que seriam/são universais, sobretudo nos livros de contos. Mas não sei se a minha literatura está marcada por personagens do mundo. [sic]

- **2. Na sua opinião, é importante continuar a falar sobre a emigração? Porquê?**

É importante falar sobre aquilo que cada autor considere importante ou relevante. Eu acho normal, no contacto [sic] actual, que ainda se debata, se trabalhe e se desmistifique o conceito de "migração", pois vivemos no actual mundo em que vivemos. Mas isso tem de ir de encontro às preocupações (?), às inquietações de cada autor ou autora.

O que considero realmente importante é que se faça uma literatura de qualidade.

- **3. Nos seus livros vemos retratadas diversas culturas. Hoje em dia, sente que há um maior respeito pela diversidade?**

Não sei dizer ao certo. Acho que há mais debate, fala-se mais abertamente sobre a diversidade, não apenas cultural como também sexual e religiosa. Isso é já, em si, um grande ganho, que não seja um tabú, que se possa trabalhar a ideia de um cidadão que contribui em determinado contexto social ou geográfico, apesar de ser oriundo de outro lugar. E que esse lugar de origem seja sobretudo respeitado, mas também valorizado.

O confronto de culturas, muitas vezes promovido pela migração de pessoas, pode ajudar a compreender melhor o ser humano, a aceitar melhor e refazer o conceito de "outro" e a repensar o próprio conceito de Humanidade. [sic]

- **4. Como entende que ter nascido em Angola, que se pode considerar ter um papel multicultural, influenciou o seu desenvolvimento enquanto escritor.**

Creio que todas as grandes metrópoles actuais, são quase multiculturais. Há, contudo, uma diferença muito grande entre uma cidade como Paris cuja multiculturalidade é mais antiga e mais enraizada no espaço urbano, e uma cidade como Luanda, onde, desde a independência, se foram cruzando pessoas de várias nacionalidades.

O meu desenvolvimento enquanto escritor creio que acontece por meio de leituras e de experiências pessoais. Mas é verdade que talvez possa ser dito que o meu olhar procura abranger algumas especificidades do fenómeno urbano (difícil de definir e de expor) que se chama "Luanda".

Ter nascido em Angola dá-me, coloca-me, num contexto cultural e social. Tal como me colocaria em outro, se eu tivesse crescido em Dakar ou São Paulo.

Creio que há uma parte da minha obra literária que se deixa tocar pela realidade angolana para ir de encontro a uma ficção, minha, que é singular por que é minha, não por ser angolana. Mas este [sic] cruzamentos entre observações externas e ideais internos, desemboca nos livros. Nem todos são sobre a mesma coisa. Nem todos têm os mesmos conteúdos, Felizmente. [sic]

- ***5. Os diferentes estrangeiros que surgem nas suas obras podem ser considerados representantes de uma determinada identidade cultural?***

Eu creio que são mais "pequenos exemplos" do que "representantes". Há por vezes, nalguns casos, o desejo até de ser irónico, eu uso e trabalho até com o preconceito em relação a certas etnias ou nacionalidades.

Procuo fazer isso para ajudar as linhas narrativas, para ajudar algum fio condutor ou mesmo lúdico que deve estar perto de objectivos que são, para mim, literários. Não são antropológicos. Eu não escrevo para explicar. Usualmente [sic] escrevo para "contar".

- *6. Podemos considerar que as representações dos emigrantes que faz são ideologicamente imparciais?*

Não creio que eu tenha pensado nem em imparcialidade nem em ideologia ao criar personagens emigrantes. Creio que quis apresentar alguns dos dilemas humanos (e, portanto, sociais) associados à figura do emigrante. [sic]

- *7. Acredita que a literatura pode ajudar a combater as desigualdades e o preconceito?*

Acredito que a literatura pode ajudar a combater muita coisa e isso vai depender do contexto, das liberdades, da força do livro, da força que se atribui à leitura, do espaço e do conforto que os leitores têm, do número de pessoas que os livros atingem e até das prioridades pessoais e colectivas dos leitores.

Mas sim, no fundo, a literatura serve, também, para debater desigualdades e preconceitos.